

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO  
ESTÁGIO GERAL INTERDISCIPLINAR DE GESTÃO CULTURAL

ANTÔNIO CARLOS LORENTZ RIPE

**A TRADIÇÃO E A REPRESENTATIVIDADE DA ESPADA DE CAMPANHA DO  
DUQUE DE CAXIAS E SUA RELAÇÃO COM A ESPADA DE OFICIAL-GENERAL  
DO EXÉRCITO E O ESPADIM DOS CADETES DA AMAN**

BRASÍLIA  
2020

ANTÔNIO CARLOS LORENTZ RIPE

**A TRADIÇÃO E A REPRESENTATIVIDADE DA ESPADA DE CAMPANHA DO  
DUQUE DE CAXIAS E SUA RELAÇÃO COM A ESPADA DE OFICIAL-GENERAL  
DO EXÉRCITO E O ESPADIM DOS CADETES DA AMAN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Estágio Geral Interdisciplinar de Gestão Cultural da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército como requisito parcial para a obtenção do título de Gestor Cultural, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Regina Corrêa Wanzeller.

BRASÍLIA  
2020

ANTÔNIO CARLOS LORENTZ RIPE

**A TRADIÇÃO E A REPRESENTATIVIDADE DA ESPADA DE CAMPANHA DO  
DUQUE DE CAXIAS E SUA RELAÇÃO COM A ESPADA DE OFICIAL-GENERAL  
DO EXÉRCITO E O ESPADIM DOS CADETES DA AMAN**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Gestor Cultural e aprovado em sua forma final pelo Estágio Geral Interdisciplinar de Gestão Cultural, da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército.

Rio de Janeiro-RJ, 26 de junho de 2020.

---

Professora orientadora: Patrícia Regina Corrêa Wanzeller.

Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército

---

Professor.

Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército

---

Professor.

Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército

Agradeço a Deus, pela vida, pelas oportunidades e pelas realizações que nos proporciona!

Dedico à minha família, pelo estímulo, amor, carinho e companheirismo, e a todos os meus professores, por proporcionar-nos a luz do conhecimento e pela perseverança em fazer-nos enxergar além do horizonte!

## RESUMO

A espada do Duque de Caxias possui enorme representatividade nas tradições da Força Terrestre. Simboliza a liderança, a firmeza, o valor e todas as demais virtudes militares, civis e políticas evidenciadas pelo Patrono do Exército Brasileiro em toda a sua destacada existência. Porém, apesar de todo o seu simbolismo e representatividade, sua espada de campanha encontra-se envolta em uma névoa de desconhecimento. Tradicionalmente, considera-se que a espada dos oficiais-generais do Exército Brasileiro atualmente em uso é uma réplica dessa arma de batalha. Da mesma forma, o espadim dos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras também é considerado uma réplica reduzida da mesma arma, ainda que a espada de oficial-general e o espadim de cadete não guardem muitas semelhanças entre si. Ainda, sabe-se que o Duque de Caxias foi presenteado pelo povo, logo após seu retorno da Guerra da Tríplice Aliança, com uma espada ornamentada. Diante de tantas informações conflitantes, esse trabalho objetiva esclarecer a verdade histórica sobre a espada de campanha do Marechal do Exército Luís Alves de Lima e Silva, buscando estabelecer a relação existente entre ela, a espada de oficial-general do Exército Brasileiro e o espadim dos cadetes da AMAN. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e contato com instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (que guarda a espada de campanha do Duque de Caxias) e a Academia Militar das Agulhas Negras, a fim de obter informações sobre esses objetos. Como resultado desta pesquisa, foi possível constatar que o modelo atual de espada de oficial-general do Exército Brasileiro preexistia à promoção do Patrono do Exército ao generalato, confirmar a localização da espada de campanha do Duque de Caxias e estabelecer sua relação com o espadim dos cadetes da AMAN.

**Palavras-chaves:** espada, espadim, Duque de Caxias, oficial-general.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 ESPADAS – ARMAS DE GUERRA E INSTRUMENTOS DE TRADIÇÃO</b> .....	9
<b>2 A REPRESENTATIVIDADE DA ESPADA DO DUQUE DE CAXIAS</b> .....	12
<b>3 A ESPADA DE OFICIAL-GENERAL</b> .....	16
<b>4 O ESPADIM DOS CADETES DA AMAN</b> .....	20
<b>5 A ESPADA DE CAMPANHA DO DUQUE DE CAXIAS</b> .....	24
<b>CONCLUSÃO</b> .....	34
<b>REFERENCIAS</b> .....	35
<b>ANEXO A</b> .....	37
<b>ANEXO B</b> .....	38
<b>ANEXO C</b> .....	39
<b>ANEXO D</b> .....	40

## INTRODUÇÃO

A espada do Duque de Caxias possui enorme representatividade nas tradições da Força Terrestre do Brasil. Simboliza a liderança, a firmeza, o valor e todas as virtudes militares, civis e políticas evidenciadas pelo Patrono do Exército Brasileiro.

Por isso, é representada em inúmeros monumentos e reproduzida, segundo a tradição castrense, na espada dos oficiais-generais do Exército e no espadim dos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras.

Porém, justamente essas duas armas cerimoniais, plenas de simbolismos, encerram dúvidas sobre a sua real inspiração, visto que não guardam muitas semelhanças entre si.

Constata-se, pois, que apesar da enorme representatividade da espada do Patrono da Força Terrestre nas tradições do Exército Brasileiro, persiste uma névoa de desconhecimento sobre essa arma de batalha.

Diante dessa constatação e justificando-se na crença de que as tradições são mais fortes e perenes quando se embasam no pleno conhecimento e na difusão dos fatos que as originaram, este trabalho objetiva esclarecer a verdade histórica sobre a espada de campanha do Marechal do Exército Luís Alves de Lima e Silva e estabelecer a verdadeira relação existente entre ela, a espada de oficial-general do Exército Brasileiro e o espadim dos cadetes da AMAN.

Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica em obras literárias versando sobre o Duque de Caxias, disponíveis em acervo pessoal e na Biblioteca do Quartel-General do Exército, buscando por passagens que contenham informações sobre sua espada de campanha.

Também foram realizadas pesquisas na Rede Mundial de Computadores, utilizando ferramentas de busca e utilizando palavras chaves como “Duque de Caxias”, “Luiz Alves de Lima e Silva”, “espada”, “espadim”, entre outras que pudessem conduzir aos objetivos propostos para a pesquisa.

Durante a realização de pesquisa junto ao acervo do Arquivo Histórico do Exército para atender demandas da Secretaria-Geral do Exército, houve a oportunidade de visitar, informalmente, a sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, confirmando a presença da espada de campanha do Duque de Caxias no acervo daquela instituição.

Igualmente, foi realizado contato com a Academia Militar das Agulhas Negras, a fim de obter informações acerca da espada presenteada ao Patrono do Exército pelo povo,

após seu retorno triunfante da Guerra da Tríplice Aliança, e do espadim dos cadetes daquele estabelecimento de ensino.

Contribuíram decisivamente para essa pesquisa o capitão Edmilson Lima de Souza, da Secretaria-Geral do Exército, que franqueou acesso a seu rico acervo pessoal, em sua maior parte digitalizado, contendo obras de diversos autores, em especial José Wasth Rodrigues, o subtenente Álvaro Luiz dos Santos Alves, do Arquivo Histórico do Exército, cuja intermediação possibilitou a visita ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e a senhora Magda Cunha da Cunha, museóloga daquela instituição, que permitiu e apoiou a visita e o contato com o acervo, bem como proporcionou informações sobre as preciosas relíquias sob sua guarda.

Lamentavelmente, as severas restrições impostas pela pandemia do COVID-19, ora em curso, impossibilitaram os deslocamentos desejáveis para a execução de maiores pesquisas junto ao IHGB, à AMAN e outras instituições museológicas, como o Museu Conde de Linhares e o Museu Histórico Nacional, as quais, seguramente, proporcionariam inestimável aporte a este trabalho.

Isso posto, serão apresentados, a seguir, os resultados da pesquisa realizada. Os capítulos seguintes versarão sobre as espadas como armas de guerra e instrumentos de tradição, a representatividade da espada do Duque de Caxias no Exército Brasileiro, a espada de oficial-general, o espadim dos cadetes da AMAN e a espada de campanha do Patrono da Força Terrestre.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, a bibliografia de referência e anexos que complementam as informações apresentadas.

## 1 ESPADAS – ARMAS DE GUERRA E INSTRUMENTOS DE TRADIÇÃO

A espada é uma arma branca ofensiva e defensiva, que possui uma lâmina reta, comprida e pontiaguda, afiada em um ou nos dois gumes, guarnecida por copos ou guardas. Difere do sabre, o qual apresenta uma lâmina recurvada e afiada, normalmente, apenas no lado em que apresenta maior curvatura. Não obstante, tradicionalmente a palavra “espada” é usada de forma genérica para designar todas as armas brancas de mão, longas.

As espadas acompanham os guerreiros há milênios, sendo das primeiras armas usadas pelo homem, com seu aparecimento datando da Idade do Bronze. Gregos e romanos tiveram suas espadas de bronze e de ferro, como o gládio e outras tantas, de várias formas e tamanhos.

Mesmo o advento da pólvora não acabou com sua hegemonia e importância no campo de batalha. As primeiras armas de fogo, rudimentares, de carregamento lento e acionamento inconstante, obrigavam os combatentes a possuírem armas brancas que lhes possibilitassem reagir a um ataque enquanto recarregavam ou quando suas armas falhavam.

Dionísio Cerqueira (apud Castro, 2016, on line) relata, em suas reminiscências da Guerra da Tríplice Aliança, que em certa ocasião partiu “a pé, para o Porto Quiá, tendo por companheiros a minha espada, sempre fiel, a inseparável e boa amiga e um revólver Lefauchaux, em cuja lealdade, confiava muito menos”.

A confiança depositada por Cerqueira em seus companheiros de viagem é compreensível e justificada. O revólver *Lefauchaux*, uma das primeiras armas de retrocarga, utilizava cartuchos metálicos dotados de um pino lateral, que golpeava uma espoleta interna. Essa característica tornava a munição muito suscetível à umidade, que podia penetrar pelo orifício de passagem do pino e inutilizar o cartucho.

Como a umidade era algo muito constante nos campos de batalha do Paraguai, essa arma era propensa a falhas de funcionamento, o que a fazia pouco confiável. A espada, em contrapartida, está sempre pronta para ser empregada, dependendo unicamente da força e da destreza de quem a empunha.

No início do século XX, entretanto, as armas de fogo atingem um nível de evolução jamais visto, tornando-se cada vez mais precisas e letais.

Utilizam munições mais potentes (permitindo o disparo preciso a distâncias cada vez maiores) e resistentes às intempéries (tornando-as mais confiáveis). Possuem, ainda, mecanismos que possibilitam a repetição dos disparos (de forma manual ou automática) e o seu rápido remuniamento, quando a munição se esgota.

Com o advento dessas armas, a espada vai perdendo sua importância no campo de batalha. Alguns países ainda mantêm unidades de cavalaria armadas de lanças e espadas, empregadas como força de reconhecimento e de choque, até a Segunda Guerra Mundial. Mas, o emprego dos blindados, das aeronaves de ataque e das metralhadoras, literalmente sepulta essas formações de combate.

A espada passa, então, a ter um emprego meramente simbólico, representando as tradições, o comando, a liderança e os valores cavaleirescos que caracterizam a vocação militar e as lides castrenses: a disciplina, a honra, o destemor, a valentia. A espada é o símbolo típico do guerreiro, do militar.

Perde valor combativo, mas ganha cada vez maior valor simbólico, representativo das tradições das formações militares que as empregaram nos campos de luta e de honra. Assim, unidades destinadas a atividades especiais, como as de escolta, de guarda e de cerimonial, continuam equipando seus soldados com espadas, normalmente utilizadas conjuntamente com uniformes históricos.

São exemplos dessas tropas os Guardas da Rainha, na Inglaterra, a Guarda de Honra Real de Estocolmo, na Suécia, e os “Dragões da Independência”, no Brasil, cujo uniforme histórico pode ser vislumbrado em maiores detalhes no Anexo A.

Fotografia 1 – Guardas da Rainha – Inglaterra



Fonte: Wikipedia, 2020.

Na atualidade, o Exército Brasileiro dota todos os seus oficiais com espadas, de uso cerimonial, que representam a autoridade e a responsabilidade de comando a eles atribuída, em todos os níveis.

Existem, conforme prescreve o Regulamento de Uniformes do Exército (EB10-R-12.004) – 3ª Edição – 2015, aprovado pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.424, de 8 de outubro de 2015, dois tipos de espadas: as espadas para oficiais e as espadas para oficiais-generais.

Esse regulamento prescreve as características dessas espadas, os uniformes em que podem ser usadas e as prescrições para o seu uso.

As características construtivas e as condições exigíveis para a aceitação das espadas, no entanto, são estabelecidas pelas “Normas do Exército Brasileiro” publicadas pela Secretaria de Ciência e Tecnologia (atual Departamento de Ciência e Tecnologia), sendo a NEB/T E-307 destinada às espadas de oficial e a NEB/T E-313 destinada às espadas de oficial-general.

## 2 A REPRESENTATIVIDADE DA ESPADA DO DUQUE DE CAXIAS

Luís Alves de Lima e Silva foi instituído Patrono do Exército Brasileiro por meio do Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962.

Sobre ele, Manoel Soriano Neto escreveu:

Caxias, “Nume Tutelar da Nacionalidade”, foi tudo! Marechal do Exército, Conselheiro de Estado e da Guerra, Barão, Conde, Marquês, Duque, Presidente e Pacificador de Províncias, Senador (pelo RS), Deputado (pelo Maranhão, eleito, mas não empossado), três vezes Ministro da Guerra e três vezes Presidente do Conselho de Ministros! E o Brasil soube reconhecer os beneméritos serviços por ele prestados à Pátria – “nossa Mãe-Comum”. Por esses “brasis” existem incontáveis monumentos, logradouros públicos, escolas, etc, que ostentam o augusto nome do maior vulto militar da História do Brasil. (SORIANO NETO, 2016, on line)

Com tamanha importância como líder militar, estrategista, político e cidadão, não é de se estranhar que tudo o que esteja vinculado, direta ou indiretamente, ao Duque de Caxias, possua grande simbolismo e representatividade junto à sociedade e, em especial, ao Exército Brasileiro.

Sendo Caxias um militar e sendo a espada o símbolo mais expressivo das lides e das virtudes militares, representando o comando, o destemor, a honra e a bravura dos guerreiros, desde tempos imemoriais, é natural que sua espada assumira uma significação especial.

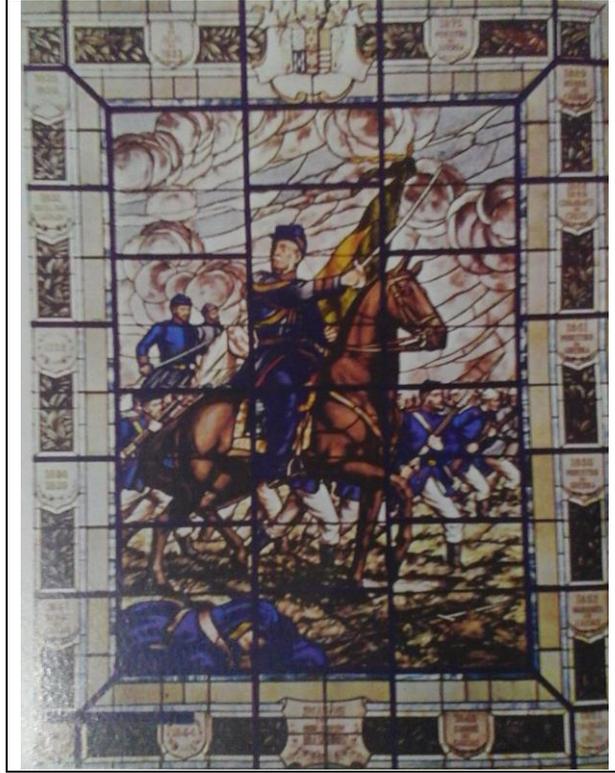
Assim, ela é representada em inúmeros monumentos, como menciona Soriano Neto. Um desses monumentos é o portentoso vitral existente no Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro (Fotografia 1). Sobre ele, Pedro Calmon testemunha, no prefácio da obra de Affonso de Carvalho (1976, p. XIV, grifo nosso):

Lembro-me do dia em que o Ministro, General Eurico Gaspar Dutra, pediu à comissão que designara alvitrasse a decoração adequada ao vitral imenso da entrada do Quartel-General. Fazia eu parte do grupo. Pedi a palavra. E propus que do quadro constasse uma única e radiosa figura. Não idealizada pelo artista. Mas retirada do passado. Vasta e empolgante. O maior dos nossos soldados; a cavalo; **espada desembainhada**; num halo de glória. Caxias na ponte de Itororó! Todos aprovaram a idéia; e lá está, no vitral que fecha o saguão do Palácio Duque de Caxias, esporeando a montaria, sabre em punho, olhar de vitória, o Comandante imortal.

Outro desses monumentos que honram o Duque de Caxias situa-se defronte ao Quartel-General do Exército, o “Forte Caxias”, em Brasília-DF. Desenhado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, é formalmente denominado “Palanque Monumental”, embora seja mais conhecido pela denominação informal “Concha Acústica” (Fotografia 2).

Esse monumento é formado por uma grande estrutura de concreto armado, no formato de uma concha, à frente da qual se ergue um obelisco, também de concreto armado, com trinta e cinco metros de altura.

Fotografia 2 – Vitral – Palácio Duque de Caxias



Fonte: acervo do autor, 2020.

Fotografia 3 – Palanque Monumental – Forte Caxias



Fonte: defesanet.com.br, 2020.

A visão dessas estruturas conjugadas, quando observada da entrada principal do Quartel-General ou da mesma posição na “Praça dos Cristais”, assume a forma estilizada de uma espada, a “espada do Duque de Caxias, o Pacificador, Patrono do Exército Brasileiro”, nas mãos do qual nunca conheceu a derrota!

Outro monumento que exalta Caxias como líder militar é a estatua equestre de autoria de Rodolfo Bernardelli, inaugurada em 15 de agosto de 1899, na então Praça Duque de Caxias, atual Largo do Machado, na cidade do Rio de Janeiro. Essa estátua foi transferida para o Panteão defronte ao Palácio Duque de Caxias, em 1949.

Nesse monumento, Caxias está montando um cavalo, em uniforme de marechal do Exército. Em atitude de observação, segura um binóculo na mão direita, enquanto a espada permanece embainhada, presa à sela da montaria, na lateral esquerda. É a imagem do estrategista (Fotografia 4).

Fotografia 4 –Panteão Duque de Caxias



Fonte: Dias, 2020.

É interessante observar que, apesar de toda a representatividade que a espada do Duque de Caxias possui, em nenhum desses monumentos ela é representada como realmente foi.

A representação que chega mais próximo da realidade é aquela existente no Panteão Duque de Caxias. Mas trata-se, na verdade, de uma espada de oficial-general modelo 1831 e não a verdadeira espada de campanha do Pacificador.

Curiosamente, essa espada pode ser vislumbrada, em uma imagem muito próxima da realidade, na capa de uma publicação que foi destinada ao público infanto-juvenil: a edição nº 13 da revista “Grandes Figuras” em quadrinhos, apresentando “Caxias O Pacificador” (Anexo 4), publicada pela extinta Editora Brasil-América Ltda. (EBAL), em 1974.

Percebe-se, então, que é importante rememorar essas histórias, pois, para que a chama do conhecimento não se apague, de tempos em tempos é necessário reavivar as suas brasas, evitando que elas se extingam, sepultadas sob as cinzas do esquecimento.

### 3 A ESPADA DE OFICIAL-GENERAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Tradicionalmente, considera-se, no seio da Força Terrestre do Brasil, que a espada portada pelos seus oficiais-generais é réplica daquela usada em campanha pelo maior de seus soldados, o Marechal do Exército Luís Alves de Lima e Silva.

Esse pensamento é textualmente expresso nas “Normas para o uso da espada de oficial general”, editadas pela Secretaria-Geral do Exército (2020, on line, grifo nosso): “a Tradição destaca o uso da espada pelos militares, em especial, **a espada de general, cujo modelo é a réplica da invencível espada de campanha do Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias**, Patrono do Exército Brasileiro”.

Porém, de antemão pode-se refutar a veracidade dessa tradição.

Em primeiro lugar, também é tradição fortemente arraigada na instituição, em especial entre os oficiais formados na Academia Militar das Agulhas Negras, que o espadim dos cadetes daquele estabelecimento de ensino, o chamado “Espadim de Caxias”, é a réplica em miniatura da espada de campanha do Duque de Caxias.

Conforme será exposto neste trabalho, essa tradição é verdadeira. Porém, ao comparar-se visualmente a espada de oficial-general e o espadim dos cadetes da AMAN, verificam-se muito poucas semelhanças.

Em segundo lugar, o ilustre historiador Adler Homero Fonseca de Castro leciona, acerca das espadas de oficial-general (ou “sabres de general”), que

Esta arma segue a moda europeia que se implantou no Período Napoleônico e que teve uma grande difusão por alguns anos mais, de se imitar a cimitarra mameluca. Isto se devia a fama que os Mamelucos ganharam após a campanha do Egito de 1801 - Napoleão chegou a criar uma tropa de “Mamelucos” em sua Guarda Imperial. Dado os [*sic*] oficiais generais **desde 1831**, é usada até os dias de hoje, sendo a arma regulamentar de uso mais longo da história do Brasil, com as únicas modificações sendo a substituição do Brasão do Império que era gravado na lâmina pelo da República, com a proclamação do novo regime e a remoção da bainha de metal folheada a ouro (para uso nos uniformes de gala), na década de 1980, por motivo de economia. (CASTRO, on line, grifo nosso)

Tendo sido o sabre (ou “espada”, como impõe a tradição castrense) de oficial-general adotado pelo Exército em 1831 e tendo Luís Alves de Lima e Silva ascendido ao generalato em 1841, constata-se que sua espada não poderia ter sido modelo para a que já havia sido adotada há uma década.

Pode-se supor, então, que durante sua vitoriosa vida militar, o Barão, Conde, Marquês e, depois, Duque de Caxias, tenha portado o sabre de general modelo 1831, já então

regulamentar, como sua arma de batalha, ao menos em algum momento. Dessa forma, a espada de oficial-general realmente teria sido usada pelo Duque de Caxias, embora não tenha sido inspirada na sua própria espada.

Essa suposição também pode ser refutada ao considerar que o Duque de Caxias (1942), em seu testamento, deixa ao seu “amigo e companheiro de trabalho, João de Souza da Fonseca Costa, como signal de lembrança, todas as minhas armas, inclusivamente a espada com que comandei, 6 vezes, em campanha”.

Cláudio Moreira Bento (1978, p. 1) esclarece que essas seis campanhas foram: a pacificação das revoltas liberais em Minas Gerais e em São Paulo, em 1842, a pacificação da revolução Farroupilha, em 1845, as campanhas contra Oribe e Rosas (1851-1852) e a Guerra da Tríplice Aliança (1868).

Assim, como Caxias atingiu o generalato em 1841 e já utilizou sua espada em campanha em 1842, pode-se considerar que não chegou a utilizar outro modelo dessa arma nesse curto período. Ou seja, sua espada de campanha o acompanhou desde o início da sua vida como general do Exército Imperial.

Por fim, ao comparar-se a espada de campanha do Duque de Caxias, que hoje se encontra sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, com as espadas de oficial-general do Exército Brasileiro, percebem-se poucas semelhanças, tal como ocorre com o espadim da AMAN (esse sim, réplica da espada de campanha do Pacificador).

Recordando as lições do mestre Adler Homero Fonseca de Castro, a espada de oficial-general foi adotada em 1831 e possui, sim, uma tradição própria: é a arma de uso regulamentar a mais tempo em uso no Exército Brasileiro. Isso, por si só, já é um grande mérito.

Atualmente, conforme mencionado anteriormente, as características, os uniformes e as condições em que podem as espadas de oficial-general serem usadas são regidas pelo Regulamento de Uniformes do Exército.

Suas características técnicas, no entanto, são estabelecidas pela Norma do Exército Brasileiro NEB/T E-313, a qual regula todos os seus detalhes construtivos, inclusive o padrão do adamascado de sua lâmina, conforme pode ser observado nos Anexos B e C.

O Salão Guararapes, no Quartel-General do Exército, apresenta duas espadas de oficial-general em seu acervo.

Uma, do período imperial, pertenceu ao general João Antônio de Oliveira Val Porto, conforme inscrição na face esquerda da lâmina (“General Valporto”). Esse militar

Extremamente condecorado, nasceu na Província do Rio Grande do Sul em 1830 e faleceu em 1887, em Porto Alegre. Sentou praça como voluntário em 1848 e foi galgando sucessivas promoções, sendo três por bravura (Capitão, Major e Tenente-Coronel), até chegar ao generalato, sendo promovido a Brigadeiro (atual General de Brigada) em 19 de agosto de 1874. Participou ativamente da Campanha do Prata (1851-1852) e da Guerra da Tríplice Aliança (1864), onde combateu por cinco anos. (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2018, p. 99)

A espada do general Val Porto foi fabricada pela cutelaria francesa *François Beckes & Delacour* (FBD), conforme o logotipo próprio timbrado na lâmina, sobre o ricasso, datando possivelmente da década de 1860.

Essa arma apresenta características próprias do período imperial, com o punho mais robusto, pomo mais pronunciado e lâmina mais larga e com curvatura mais acentuada que as espadas do período republicano, denotando tratar-se realmente de uma arma de batalha e não meramente cerimonial.

Sua lâmina é decorada com motivos fitomórficos e militares, como panóplias com troféus de guerra e figuras de guerreiros ou deuses greco-romanos. Em nenhum local, tanto na lâmina quanto na cruzeta, está gravado o brasão imperial. Sua bainha é em metal dourado, lavrado com ramos de carvalho em toda a sua extensão (Fotografia 5).

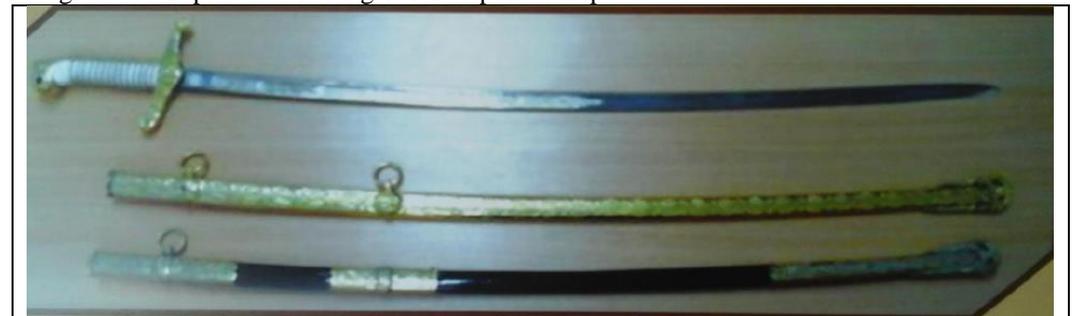
Fotografia 5 – Espada “General Valporto”



Fonte: EXÉRCITO BRASILEIRO, 2018.

O outro exemplar em exposição no Salão Guararapes é uma espada de oficial-general do período republicano (Fotografia 6).

Fotografia 6 – Espada de oficial-general do período republicano



Fonte: EXÉRCITO BRASILEIRO, 2018.

Essa espada foi fabricada pela Metalúrgica Eberle e possui a inscrição “Estados Unidos do Brasil” na lâmina e nas Armas Nacionais, o que sugere haver sido confeccionada em data anterior à Constituição de 1967.

Acompanha a bainha em metal dourado (que destinava-se exclusivamente ao uso com o uniforme de gala e foi suprimida pelo Decreto nº 84.486, de 22 de fevereiro de 1980) e a bainha em couro preto com metal dourado na boqueira, passador, ponteira e sobreponteira.

Além dessas duas espadas de oficial-general, expostas no Salão Guararapes, o gabinete do Diretor de Saúde guarda a espada do general Severiano da Fonseca, Patrono do Serviço de Saúde, irmão do marechal Deodoro da Fonseca (proclamador da república) e filho de dona Rosa da Fonseca, a Patrono da Família Militar (Fotografia 7).

Fotografia 7 – Espada do general Severiano da Fonseca – Patrono do Serviço de Saúde



Fonte: acervo do autor, 2020.

Essa espada tem características muito similares àquelas observadas na espada do general Val Porto, tendo sido confeccionada pelo mesmo fabricante, conforme se constata pelo logotipo no ricasso da lâmina.

Difere, porém, da espada do general Val Porto por possuir a lâmina mais estreita e menos curvada, bem como o punho menos robusto. Mas a principal diferença está no adamecamento da lâmina, que não apresenta nenhuma menção a feitos militares, como troféus de guerra ou imagens de guerreiros, o que denota tratar-se da espada de um não-combatente.

Assim, pode-se concluir que a espada de oficial-general, que na atualidade apresenta suas características padronizadas por instrumentos normativos, evoluiu, em pequenos detalhes, ao longo de sua existência, em especial durante o período imperial e os primeiros anos da república.

#### 4 O ESPADIM DOS CADETES DA AMAN

O idealizador do espadim dos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, tradicionalmente chamado “Espadim de Caxias”, foi o então coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

Militar de escol, nascido em Cabaceiras, Bahia, no dia 12 de setembro de 1885, e falecido no Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1959, foi oficial da Arma de Cavalaria e teve uma destacada vida civil e militar.

Conforme narra Bento (1978, p. 2), foi instrutor militar, em 1916, da Escola de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. Em 1917-18, foi estagiário da Escola Militar de *Saint-Cyr*, na França, tendo participado da Primeira Guerra Mundial no comando de um pelotão do 4º Regimento de Dragões da cavalaria francesa, onde foi promovido a capitão por ato de bravura, em ações de combate nos campos de batalha da França e da Bélgica.

Retornando ao Brasil, destacou-se como o primeiro comandante da Companhia de Carros de Assalto, primeira unidade blindada do Exército Brasileiro, sendo considerado o precursor das forças blindadas nacionais.

Em 19 de novembro de 1931, como coronel, assumiu o comando da Escola Militar do Realengo e foi um dos principais artífices da criação da Academia Militar das Agulhas Negras, a qual idealizou e ajudou a construir.

Em 1954, já na reserva remunerada, como marechal, foi convidado pelo presidente Café Filho para presidir a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, tendo essencial participação na localização e preparação para a construção de Brasília.

No comando da Escola Militar do Realengo, promoveu as mais profundas reformas de sua história, a qual se iniciou em 1810 com a Academia Real Militar, criada pelo príncipe-regente Dom João.

Por decreto de sua inspiração, os alunos da Escola passaram a ocupar o posto privativo de “cadete”, grau hierárquico que havia sido extinto com a proclamação da república, por possuir foros de nobreza, e que nesse momento foi recriado com o sentido de companheiro mais novo dos oficiais.

Criou, também, o Corpo de Cadetes e o Estandarte Escolar, em campo azul turquesa, cor tradicional da Academia Militar. Por fim, criou o uniforme de gala dos cadetes, simbolizando o elo entre o Exército do presente e do passado.

Após a criação do uniforme histórico, o coronel José Pessoa julgou que ele deveria ser complementado por uma arma privativa do posto de cadete e que, como narra

Bento (1978, p. 3), “caracterizasse a alta responsabilidade do jovem cadete como chefe do Exército Brasileiro do futuro”.

Dessa forma decidiu-se que essa arma seria uma reprodução fiel, em miniatura, da espada usada pelo Duque de Caxias em campanha: “a espada que foi o pilar do Império, a espada de Caxias, que é a espada do Brasil” (BENTO, *ibidem*).

Tomada essa decisão, iniciou-se uma busca pela espada de campanha, a qual Caxias deixou, em testamento, ao brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa, o qual, como tenente, foi seu ajudante-de-ordens durante a Campanha contra Oribe e Rosas e mais tarde, como coronel, chefe do seu Estado-Maior na Guerra da Tríplice Aliança.

Por fim, essa relíquia foi localizada no acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo sido doada a essa instituição, em 1925, pelo então capitão-de-corbete Caetano Taylor da Fonseca Costa, descendente direto do brigadeiro Fonseca da Costa.

Localizada a espada do Pacificador, o projeto para a confecção do espadim foi submetido à aprovação do Ministro da Guerra, o general-de-brigada José Fernandes Leite de Castro, o qual aprovou a proposta e concedeu o crédito correspondente para a confecção dos espadins.

Bento (2017, p. 4) narra que, com esse gesto, desejaram o general-de-brigada Leite de Castro e o coronel José Pessoa, “que Caxias, o Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Brasil de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint Cyr, na França”.

Em seguida, os desenhos e os recursos foram remetidos ao coronel José Duarte Pinto, Chefe da Missão Militar Brasileira na Europa, o qual cumpriu sua missão com desvelo e entusiasmo, encomendando a confecção dos espadins à firma alemã *Solingen*.

Os espadins chegaram ao Brasil em outubro de 1932 e foram incluídos na carga da Escola Militar do Realengo pelo Boletim Interno nº 288, de 6 de dezembro de 1932. Em seguida, foram organizadas as “Instruções para recebimento e uso do Espadim de Caxias”, as quais, conforme menciona Bento (1978, p. 11), somente foram publicadas em 1938, no Boletim Interno nº 148.

A primeira cerimônia de entrega dos espadins aos cadetes ocorreu em duas fases, nos dias 15 e 16 de dezembro de 1932.

No primeiro dia, a cerimônia ocorreu no interior da Escola Militar do Realengo, com a solenidade de entrega dos espadins a todos os cadetes que, pela primeira vez, proferiram as palavras do cerimonial que se mantém até os dias de hoje: “Recebo o sabre de Caxias como o próprio símbolo da Honra Militar” (BENTO, *ibidem*).

No segundo dia, a solenidade pública ocorreu na praça Duque de Caxias, atual Largo do Machado, defronte ao monumento do Patrono do Exército, onde teve lugar o Juramento do Espadim pelos cadetes. Essa cerimônia contou com a presença de Getúlio Vargas, então chefe do governo provisório, ministros, generais, adidos militares e representações de oficiais de todas as unidades da guarnição do Rio de Janeiro.

O coronel José Pessoa encerrou essa cerimônia proclamando:

Assim terminaram as solenidades da primeira Entrega e Juramento do Espadim de Caxias, fato de tanta significação para a Escola Militar e para a História do Corpo de Cadetes que, certamente, entre outros, não poderá jamais esquecer tal acontecimento. Não temos dúvidas que as novas gerações, educadas sob o signo de Caxias, estão fadadas a mudar os hábitos e a construir o destino de grandeza do Exército, formando uma mentalidade homogênea de chefes que, a exemplo de seus antepassados, não permitirão o esquecimento das nossas nobres tradições militares. (BENTO, 1978, p. 13)

O Salão Guararapes, no Quartel-General do Exército, dispõe de um espadim no seu acervo, doado pela Academia Militar das Agulhas Negras (Fotografia 8):

Fotografia 8 – Espadim de Caxias – Acervo do Salão Guararapes



Fonte: acervo do autor, 2020

Esse exemplar possui as seguintes dimensões: 58 cm (comprimento total), 11 cm (comprimento da cruzeta) e 1,8 cm (largura da lâmina). As dimensões correspondentes, na espada de campanha do Duque de Caxias são, respectivamente, 92 cm, 15,2 cm e 2,5 cm.

Sua aparência é muito semelhante à da arma da qual se originou. Possui cabo de plástico branco, com ferragens douradas. A cruzeta é em metal dourado, com a face do leão ao centro e os dragões nas abas laterais.

A lâmina, de aço brilhante, é recurvada, mas não apresenta o alargamento no terço final, característica destacada da espada de campanha. Esse detalhe pode ter sido

suprimido para reduzir os custos de construção ou por ter sido omitido no desenho original. Ou, ainda, por não ter sido julgado importante.

As faces da lâmina apresentam adamascado singelo, diferente da espada original. Na face direita, a inscrição “Duque de Caxias” e, na esquerda, o brasão da AMAN.

A bainha apresenta características muito similares à da arma que a inspirou. Em metal prateado brilhante, com boqueira, passador, ponteira e sobreponteira em metal dourado, finamente lavrados.

Pela comparação visual entre o espadim dos cadetes da AMAN (o “Espadim de Caxias”) e a espada de campanha do Patrono do Exército, pode-se afirmar que, em que pesem algumas diferenças pontuais, trata-se realmente de uma réplica reduzida da arma usada em batalha pelo Duque de Caxias, conforme pode-se vislumbrar na Fotografia 9, que apresenta arranjo contendo esses dois objetos, expostos lado a lado, junto a outras relíquias.

Fotografia 9 – Espadim dos cadetes da AMAN e espada de campanha do Duque de Caxias



Fonte: AHIMTB, 2020

Em face das informações apresentadas, pode-se concluir esse capítulo afirmando que a tradição de que o espadim dos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras é uma réplica reduzida da espada de campanha do Duque de Caxias, é verdadeira.

## 5 A ESPADA DE CAMPANHA DO DUQUE DE CAXIAS

O gabinete do comandante da Academia Militar das Agulhas Negras abriga uma espada que pertenceu ao Duque de Caxias e que lhe foi ofertada pelo povo brasileiro após o seu retorno vitorioso da Campanha do Paraguai, conforme registra o Tomo II do Acervo Histórico, Cultural e Artístico da AMAN (2017, p. 468-469).

Essa espada participa solenemente de cerimônias militares daquele estabelecimento de ensino superior, notadamente, como destaca Bento (1978, p. 1), na entrega de espadins aos novos cadetes, simbolizando a presença do Patrono do Exército Brasileiro (Fotografia 10).

Fotografia 10 – Cadete conduzindo a espada de Caxias em solenidade militar na AMAN



Fonte: ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS, 2017

Trata-se de uma peça esmeradamente manufaturada (Fotografia 11). A lâmina, de aço e finamente lavrada em ouro e negro, apresenta motivos fitomórficos, troféus de guerra e figuras humanas, possivelmente deuses ou heróis da mitologia greco-romana. Em sua face direita, destaca-se a inscrição “Honra Pátria” e, na esquerda, “Imperador e Constituição”.

O cabo e a cruzeta, em metal dourado, são soberbamente esculpidos, destacando a cabeça de um leão, no pomo, e o brasão imperial, no centro da cruzeta (Fotografia 12).

Fotografia 11 – Espada presenteada pelo povo ao Duque de Caxias – Acervo da AMAN



Fonte: AMAN, 2020.

Fotografia 12 – Cabo e cruzeta – Acervo da AMAN



Fonte: AMAN, 2020.

A bainha, inteiramente em metal dourado, também apresenta-se soberbamente esculpida, com motivos diversos e figuras humanas aladas, como anjos, representando as virtudes e os feitos da insigne personalidade a quem foi destinada (Fotografia 13).

Conforme pode-se perceber pela descrição e fotografias apresentadas, essa espada foi confeccionada como uma joia (e não uma arma de batalha), destinada a agraciar o Duque de Caxias com um presente que representasse inequivocamente a gratidão e o reconhecimento da nação brasileira ao seu invicto líder militar, destacado político e exemplar cidadão.

Fotografia 13 – Detalhes da bainha – Acervo da AMAN



Fonte: AMAN, 2020.

A ocasião em que lhe foi presenteada, após seu retorno da Guerra da Tríplice Aliança, também inviabiliza qualquer possibilidade de que tenha sido empregada em quaisquer campanhas militares.

Assim, é ponto pacífico que essa não é a espada de campanha do Duque de Caxias.

Porém, mesmo em tempos recentes, persistem dúvidas e indefinições.

Como exemplo, observa-se que Forjaz (2005, p. 291), na interessante obra “Espada Caxias” (onde o termo “espada” é empregado, predominantemente, de forma metafórica), confirma que após seu retorno do Paraguai, em 1869, consagrado com engenhosas manobras e inúmeras vitórias, culminando com a conquista de *Asunción*, porém já próximo dos 66 anos de idade e alquebrado das canseiras da guerra, o povo cotizou-se e “lhe entregou uma espada de ouro, como reconhecimento por quase quarenta anos de vitórias”.

Porém, esse autor observa que “um modelo desse sabre hoje ornamenta o uniforme dos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras” (FORJAZ, *ibidem*). Assim, esse autor dá a entender que o espadim dos cadetes da AMAN seria, na verdade, réplica dessa espada ofertada pelo povo como reconhecimento pelos seus feitos militares.

No capítulo anterior foi descrita a adoção do espadim dos cadetes da AMAN. Porém, essa história parece haver sido esquecida ao longo dos anos, na própria Academia Militar, pois, conforme narra o então tenente-coronel Cláudio Moreira Bento, instrutor de História Militar naquele estabelecimento de ensino:

Em junho deste ano [1978] fomos chamados ao gabinete de nosso Comandante na AMAN, General de Brigada Hyran Ribeiro Arnt, e honrados com a solicitação de esclarecer a atual situação da espada de Caxias, que servira de modelo para o Espadim de Caxias dos cadetes, instituído há 46 anos passados. Tinha certeza aquela autoridade que a espada de Caxias, existente em seu gabinete, não era a que servira de modelo aos espadins. Mas, sim, uma espada que fora ofertada em vida ao Patrono do Exército pelo povo brasileiro, em reconhecimento a serviços prestados e que se encontra junto com seu lenço de pescoço usado em campanha. Espada que vem sendo parte do cerimonial de entrega dos espadins aos cadetes e confundida, às vezes, com a de campanha, da qual eles foram copiados. (BENTO, 1978, p. 4-5)

No cumprimento dessa missão, o autor narra que localizou artigo do então general José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, intitulado “Histórico do Espadim de Caxias”, publicado na Revista da Escola Militar, em 1939.

Nesse artigo, o idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras, do uniforme histórico e do espadim dos cadetes do Exército Brasileiro, narra a epopeia para localizar e reproduzir “a espada que foi o pilar do Império, a espada de Caxias, que é a espada do Brasil” (ALBUQUERQUE apud BENTO, idem, p. 3).

O então general José Pessoa narra as dificuldades para localizar a espada de campanha do Duque de Caxias, após a decisão de reproduzi-la, em escala, no espadim dos cadetes da AMAN:

Porfiadas demarches foram então realizadas para concretizar a feliz idéia. Ignorávamos, até então, o paradeiro daquela relíquia histórica. Para isso recorreu-se em indagações a todos os lugares onde são destinados os troféus, sem ser encontrada. Afinal, com a preciosa colaboração do Dr Max Fleiuss, fomos encontrá-la entre outras armas gloriosas, nas coleções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E, ainda, com o auxílio do Dr Max Fleiuss, secretário perpétuo daquela nobre e benemérita Instituição, conseguimos a licença necessária para ser copiada a arma que é a nossa mais preciosa relíquia militar. Assim, para ali foi mandado um hábil desenhista que copiou, em rigorosa escala, todos os detalhes daquele rico troféu, magnificamente artesanado em aço e bronze. (ALBUQUERQUE apud BENTO, idem, p. 4)

De posse dessa informação, Bento relata que deslocou-se, no dia 30 de junho, para a sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a fim de obter informações, em nome de seu comandante, sobre a relíquia sob a guarda daquela instituição, desde 1925.

Acompanhado pelo honorável professor Pedro Calmon, então presidente do IHGB, Bento (ibidem, p. 6) pôde, então, “contemplar e reverenciar, pela vez primeira, a espada desembainhada por Caxias para a conquista da ponte de Itororó, a um tempo só, o mais crítico e mais glorioso da vida do maior soldado brasileiro” (Fotografia 14), episódio magnificamente descrito por Dionísio Cerqueira, que o testemunhou:

Muitos comandantes estavam fora de combate, a ação estava indecisa e o terreno não permitia o desenvolvimento de grandes forças.

As reservas estavam inativas.

Apenas alguns batalhões foram substituir outros, que estavam dizimados. O terreno não se prestava a grande desenvolvimento de tropas.

Passou pela nossa frente animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapanuca, de pala levantada e preso ao queixo, pela jugular, **a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de ouro**, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós.

Apertávamos o punho das espadas, e ouvia-se num murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura que abaixou a espada em ligeira saudação aos seus soldados. O comandante deu a voz de *firme*. Dali a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória. Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante.

A carga foi irresistível e o inimigo completamente feito em pedaços. (CERQUEIRA, 1980, p. 272-273, grifo nosso)

Fotografia 14 – O Ten Cel BENTO e a espada do Duque de Caxias, na sede do IHGB, em 1978.



Fonte: BENTO, 2017.

Cláudio Moreira Bento relata, ainda, que por ocasião dessa visita confirmou a informação de que a espada de campanha do Duque de Caxias foi doada ao Instituto Histórico

e Geográfico Brasileiro em 1925, pelo então capitão-de-corveta Caetano Taylor da Fonseca Costa, descendente direto do brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa, após ser localizada pelo doutor Eugênio Vilhena de Moraes, o maior biógrafo do Patrono do Exército.

Em seu testamento, firmado no Rio de Janeiro, em 23 de abril de 1874, o Duque de Caxias legou ao brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa, sua espada de campanha:

Deixo ao meu amigo e companheiro de trabalho, João de Souza da Fonseca Costa, como signal de lembrança, todas as minhas armas, inclusivamente a espada com que comandei, 6 vezes, em campanha, e o cavalo de minha montaria, arreado com os arreios melhores que tiver na occazião da minha morte. (DUQUE DE CAXIAS, 1942)

Esse militar, a quem o Pacificador considera um amigo, foi seu ajudante-de-ordens, como primeiro-tenente, durante a Campanha contra Oribe e Rosas. Como coronel, foi chefe de Estado-Maior de campanha de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança, no período de 1866 a 1868.

Nessa campanha, antes de retornar ao Brasil, Caxias assim se expressou sobre o valor militar de seu prestimoso auxiliar:

Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço público a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo e transmitindo as minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes. (BENTO, 1978, p. 9)

Atualmente, a espada de campanha do Duque de Caxias repousa na sala de exposições do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, segura e protegida, em um escrínio que, conforme relata Bento (*ibidem*, p. 8), “foi oferta da Escola Militar do Realengo, em 1939, por inspiração de seu comandante – Coronel Álvaro Fiuza de Castro”.

Emoção semelhante à sentida pelo então tenente-coronel Cláudio Moreira Bento, em 1978, foi vivenciada por ocasião da visita informal ao IHGB, mencionada na Introdução deste trabalho.

Ainda que não tenha sido possível manusear, tomar medidas com precisão e imagens em alta definição, pôde-se contemplar essa relíquia que acompanhou o Patrono do Exército Brasileiro por quase quarenta anos, desde sua promoção ao generalato, em 1841, até seu passamento, em 1880.

A tomada de imagens, nessa ocasião, foi um tanto prejudicada pela pouca luminosidade do local e pela existência do vidro de proteção, que provoca reflexos e distorções. Não obstante, foi possível observar o excelente estado de conservação em que se encontra esse objeto, de quase 180 anos de idade, e que vivenciou as agruras de tantas campanhas.

Medindo 92 cm de comprimento total, é, ao mesmo tempo, uma arma magnífica e singela (Fotografia 15).

Fotografia 15 – Espada de campanha do Duque de Caxias e sua bainha – Acervo do IHGB



Fonte: acervo do autor, 2020.

O punho, liso, branco (marfim ou osso?), com ferragens douradas, com o pomo recurvado e pronunciado, proporciona uma empunhadura firme e segura. A cruzeta, em metal dourado, medindo cerca de 15 cm, possui no seu centro a face esculpida de um leão, que encara de frente. As abas laterais têm a forma de dragões (símbolo da Casa de Bragança), em posição de voo e com as bocas escancaradas, como que a cuspir jatos de fogo (Fotografia 16).

Como a espada repousa sobre a sua face direita, somente são visíveis os detalhes da face esquerda da lâmina. Esta, com aproximadamente 2,5 cm de largura, apresenta-se finamente lavrada. Nessas lavrações, onde predominam florões e motivos fitomórficos e militares, pode-se identificar um listel com a inscrição “Duque de Caxias”, uma coroa, uma panóplia com troféus de guerra e o brasão imperial (Fotografia 17 e 18).

O formato da lâmina merece um destaque especial. Recurvada, como um sabre (que, de fato, é), apresenta, no terço terminal, um alargamento, dando-lhe um aspecto que assemelha-se a uma cimitarra moura.

Essa característica, além de proporcionar-lhe uma estética singular, tem uma aplicação prática: ao acrescentar massa na porção terminal da lâmina, aumenta-se o seu peso e

a energia do golpe se amplifica. É efeito similar ao que se consegue com os facões de cortar cana-de-açúcar, que têm a ponta da lâmina mais larga que a porção próxima ao cabo.

Fotografia 16 – Punho, cruzeta e porção anterior da lâmina



Fonte: acervo do autor, 2020.

Fotografia 17 – Porção medial da lâmina e bainha



Fonte: acervo do autor, 2020.

Fotografia 18 – Porção terminal da lâmina (onde se observa o seu alargamento) e bainha.



Fonte: acervo do autor, 2020.

A bainha, em metal prateado (possivelmente, aço recoberto por níquel ou cromo), apresenta boqueira, passador, ponteira e sobreponteira em metal dourado, finamente lavrados (Fotografias 19, 20 e 21).

Pelo exposto, pode-se facilmente concluir que, dadas as características dessa espada, o Duque de Caxias buscava nela uma arma de batalha, simples, robusta e efetiva, não um mero objeto cerimonial.

Essa foi, verdadeiramente, a espada de campanha de um líder militar que não receava em conduzir seus comandados no fragor da luta, como se evidenciou em Itororó!

Fotografia 19 – Boqueira da bainha



Fonte: acervo do autor, 2020.

Fotografia 20 – Passador da bainha



Fonte: acervo do autor, 2020.

Fotografia 21 – Ponteira e sobreponteira da bainha



Fonte: acervo do autor, 2020.

## CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho foi possível discorrer sobre a representatividade da espada do Duque de Caxias nas tradições da Força Terrestre do Brasil e a imprecisão das suas representações.

Constatou-se que a espada de oficial-general possui uma representatividade própria, sendo a arma regulamentar a mais tempo em uso no Exército Brasileiro, tendo sido empunhada pelo próprio imperador Dom Pedro II, na retomada de Uruguaiana, conforme relata Pedro Calmon, em Espadas do Brasil (sem data).

Porém, ao contrário do que reza a tradição, não se trata de uma réplica da espada de campanha do Duque de Caxias, tendo sido adotada uma década antes da promoção do Pacificador ao generalato.

Ainda, confirmou-se que o espadim dos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, instituição de ensino superior responsável pela formação dos oficiais combatentes da Força Terrestre, é uma réplica em escala da espada de campanha do marechal do Exército Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Ferro.

Por fim, foi possível individualizar e distinguir a espada presenteada pelo povo brasileiro ao Duque de Caxias, por ocasião de seu retorno triunfante ao Brasil após a Guerra da Tríplice Aliança, sob a guarda da Academia Militar das Agulhas Negras, e a verdadeira espada de campanha do Patrono do Exército Brasileiro, guardada e mantida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Outro importante ensinamento que esse trabalho proporcionou foi a constatação de que os conhecimentos históricos são como as chamas de uma fogueira: devem ser constantemente alimentadas e suas brasas reavivadas, de tempos em tempos, para evitar que se extingam e permaneçam sepultadas sob as cinzas do esquecimento.

Como continuidade deste estudo, pode-se sugerir a realização de gestões junto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para se realizar um trabalho de levantamento técnico da espada de campanha do Duque de Caxias, a fim de se levantarem dados para a produção de réplicas exatas, em tamanho natural, possibilitando expor, ao menos nos espaços culturais mais destacados, a verdadeira arma de batalha do Patrono do Exército, perpetuando a sua memória, preservando suas tradições e cultuando, acima de tudo, a verdade histórica.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL. **Duque de Caxias: espadas e o espadim dos cadetes do Exército.** Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/caxico354.htm>> Acesso em: 26 jun. 20.

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **Acervo Histórico, Cultural e Artístico.** Resende: AMAN, 2017.

BARROSO, Gustavo; RODRIGUES, José Wasth. **Uniformes do Exército Brasileiro – 1730 – 1922.** Paris: A. Ferroud – F. Ferroud succ, 1922.

BENTO, Cláudio Moreira. **A espada invicta de Caxias e o espadim dos cadetes do Exército.** Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/AespadaCaxias.pdf>> Acesso em: 14 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **O espadim de Caxias dos cadetes do Exército: Histórico – Tradições – Simbolismo.** Cópia de trabalho datilografado, arquivada na Biblioteca do Centro de Documentação do Exército, 1978.

CALMON, Pedro. Espadas do Brasil. **Nação Armada:** revista civil-militar consagrada à segurança nacional. Rio de Janeiro, n. 24, p. 21-26, sem data.

CARVALHO, Affonso de. **Caxias.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. **Revólveres.** Disponível em: <[http://www.armasbrasil.com/SecXIX/Exercito\\_profissional/revolveres.htm](http://www.armasbrasil.com/SecXIX/Exercito_profissional/revolveres.htm)> Acesso em: 24 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Sabre de general.** Disponível em: <[http://www.armasbrasil.com/SecXIX/Nova\\_nacao/espadas/sabre\\_de\\_general.htm](http://www.armasbrasil.com/SecXIX/Nova_nacao/espadas/sabre_de_general.htm)> Acesso em: 02 abr. 2017.

DEFESANET.COM.BR. **O QG do Exército é uma verdadeira cidade dentro de Brasília com peculiaridades que pouca gente faz ideia.** Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br/terrestre/noticia/22280/O-QG-do-Exercito-e-uma-verdadeira-cidade-dentro-de-Brasilia--com-peculiaridades-que-pouca-gente-faz-ideia/>> Acesso em: 26 jun. 2020.

DIAS, Vera. **Inventário dos Monumentos RJ: Marechal Duque de Caxias.** Disponível em: <<http://inventariosmonumentosrj.com.br/?iMENU=catalogo&iiCOD=91&iMONU=Marechal%20Duque%20de%20Caxias>> Acesso em: 26 jun. 2020.

DUQUE DE CAXIAS. Testamento. **Nação Armada:** revista civil-militar consagrada à segurança nacional. Rio de Janeiro, n. 33, ago. 1942.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Acervo artístico do Quartel-General do Exército – Forte Caxias.** Brasília: SGEx, 2018.

\_\_\_\_\_. **Regulamento de Uniformes do Exército – 3ª Edição – 2015.** Disponível em:

<<https://pt.calameo.com/read/00123820631730600fea9>> Acesso em: 23 jun. 2020.

FORJAZ, Cláudio Ricardo Hehl. **Espada Caxias**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MORAES, Eugenio Vilhena de. **O Duque de Ferro**: novos aspectos da figura de Caxias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.

SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Norma do Exército Brasileiro – Espada de oficial – NEB/T E-307**. Brasília: SCT, 1997.

\_\_\_\_\_. **Norma do Exército Brasileiro – Espada de oficial-general – NEB/T E-313**. Brasília: SCT, 2000.

SECRETARIA-GERAL DO EXÉRCITO. **Normas para o uso da espada de oficial general**. Disponível em: <<http://www.sgex.eb.mil.br/media/Cerimonial/Normas%20para%20uso%20da%20espada%20de%20Oficial%20General.%20.pdf>> Acesso em: 28 jan. 2020.

SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias**: o homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Osorio e Caxias**: os heróis militares que a república manda guardar. Disponível em: <<http://nephs.com.br/Download/Article/1036>> Acesso em: 15 abr. 2016.

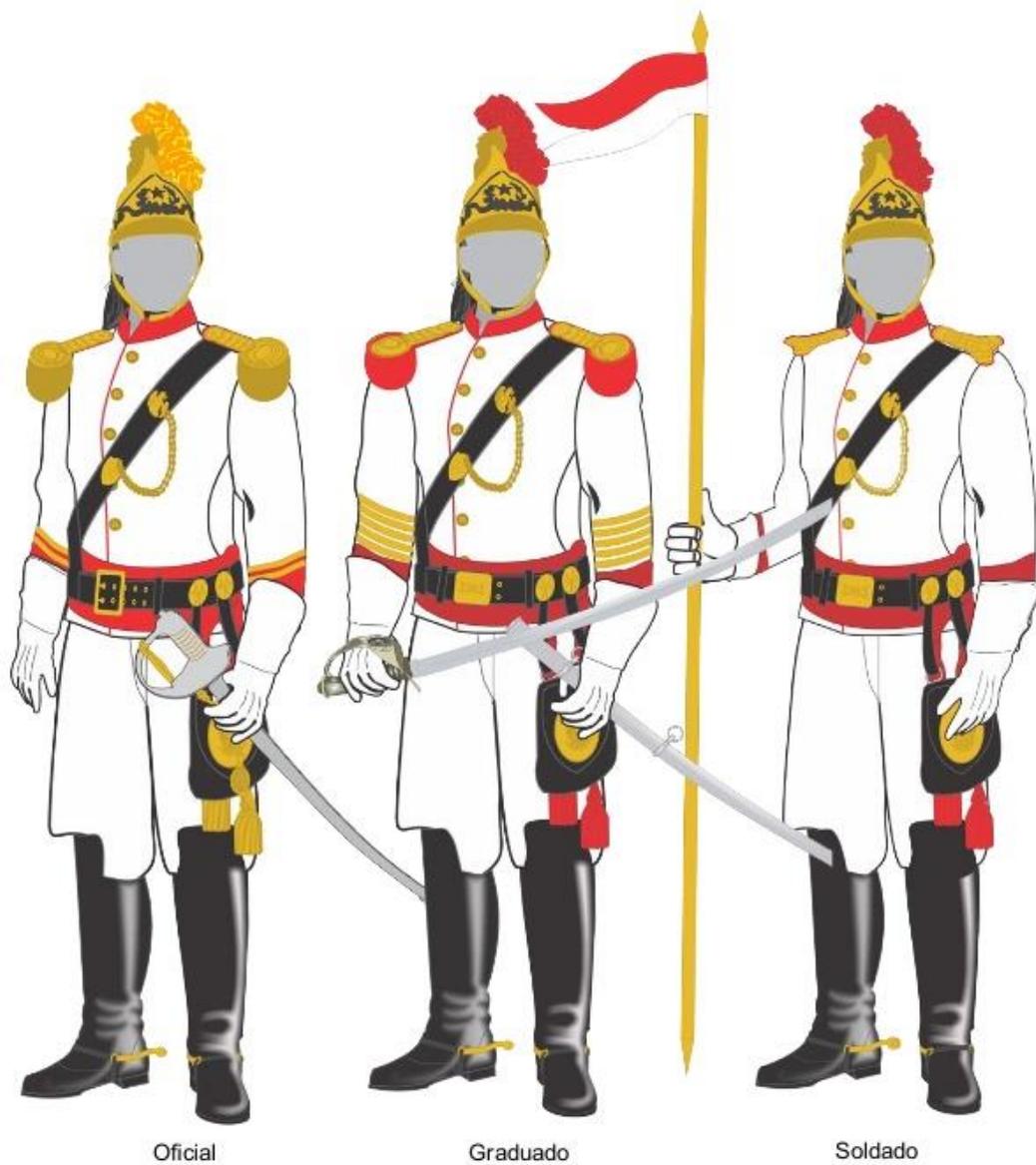
SORIANO NETO, Manoel. **Aspectos humanos do Duque de Caxias**. Disponível em: <<http://oprogresso.net/cidade/aspectos-humanos-do-duque-de-caxias/50182.html>> Acesso em 15 out. 2016.

WIKIPEDIA. **Guarda da Rainha**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda\\_da\\_Rainha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda_da_Rainha)> Acesso em 25 jun. 2020.

**ANEXO A – Uniforme histórico dos “Dragões da Independência”  
(Regulamento de Uniformes do Exército – 3ª Edição – 2015)**

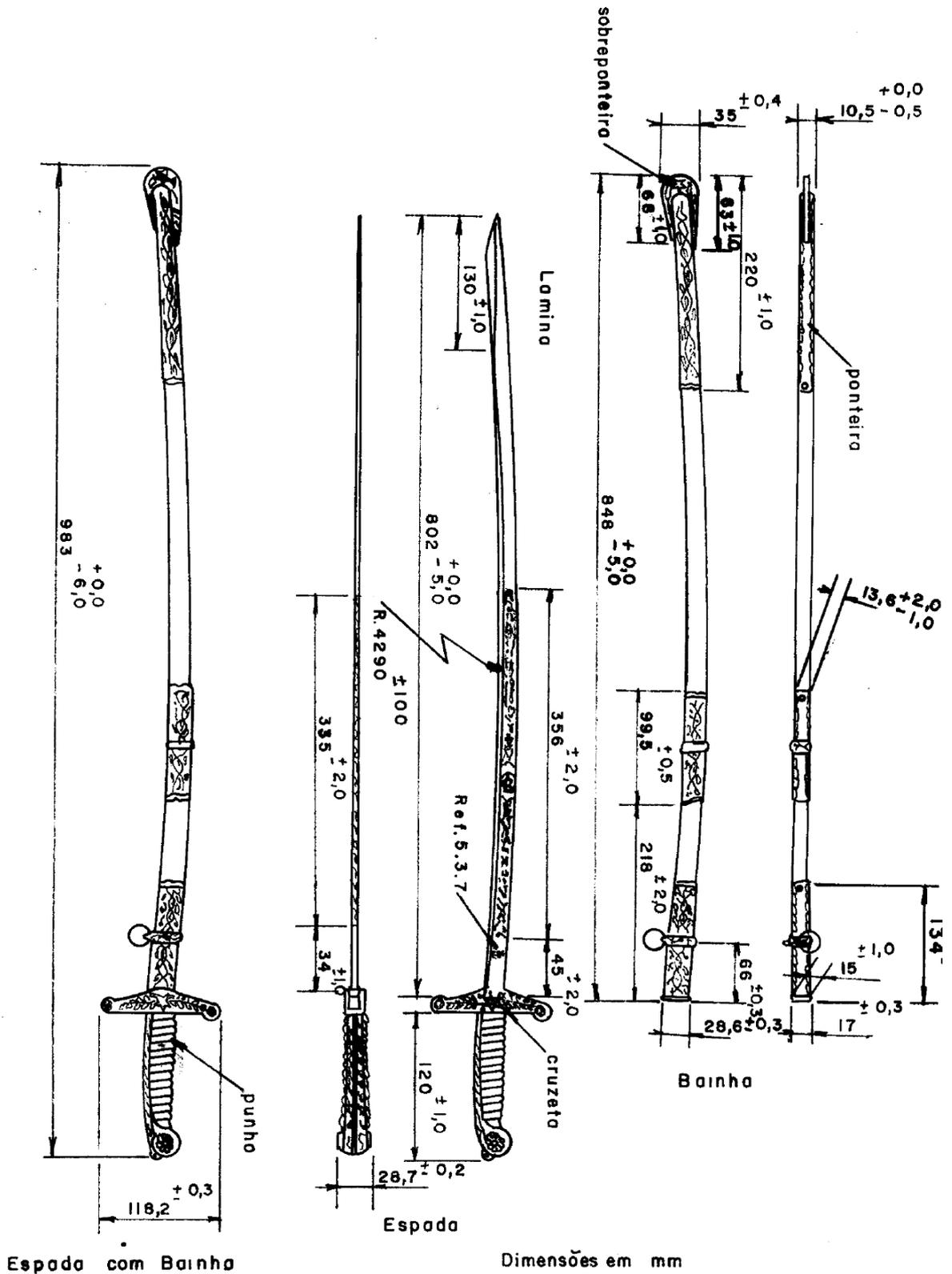
**Anexo G  
DOS UNIFORMES HISTÓRICOS**

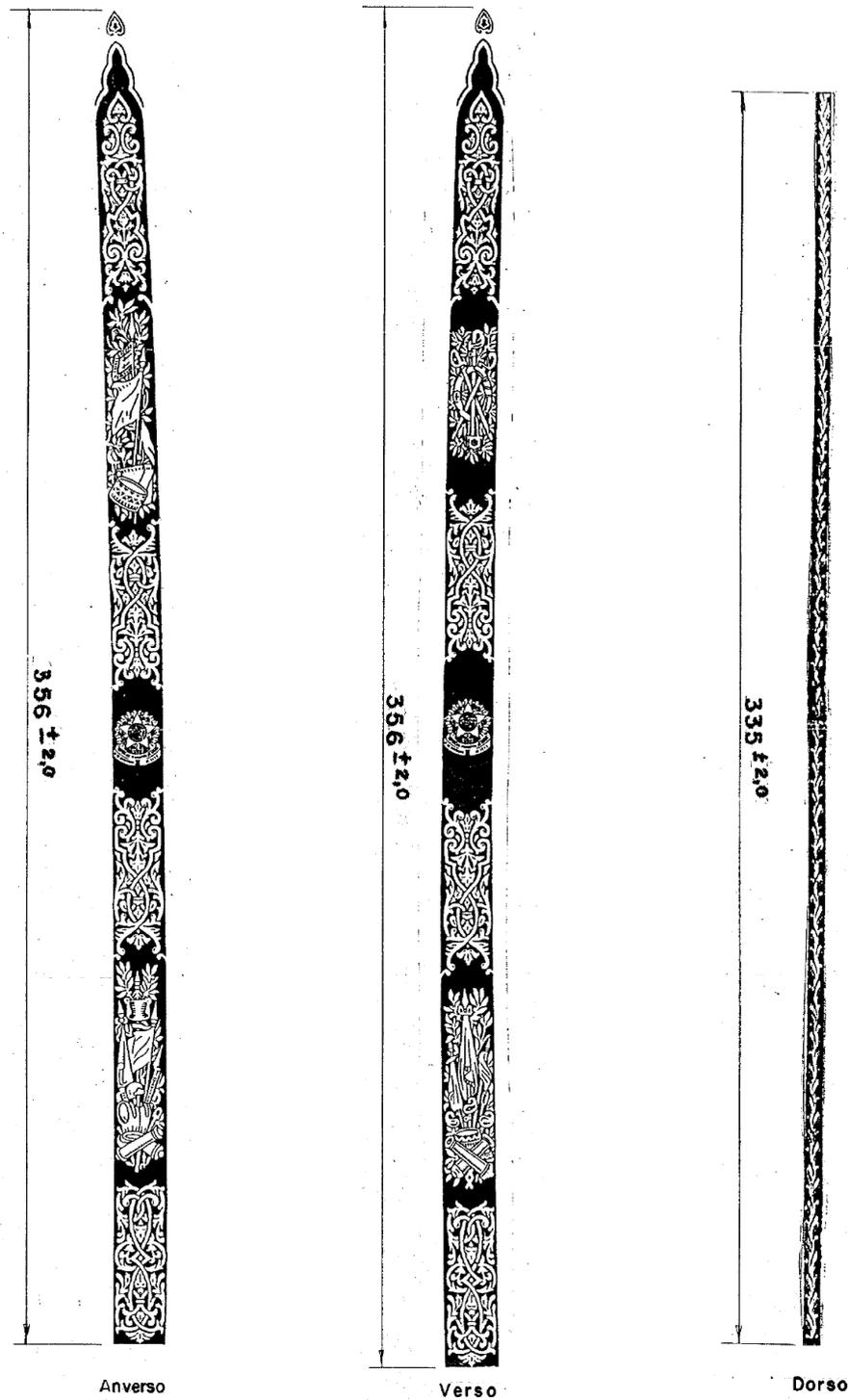
**III – Uniforme Histórico do 1º Regimento de Cavalaria de Guardas – Dragões da Independência**



ANEXO B – Componentes e dimensões principais da espada de oficial-general

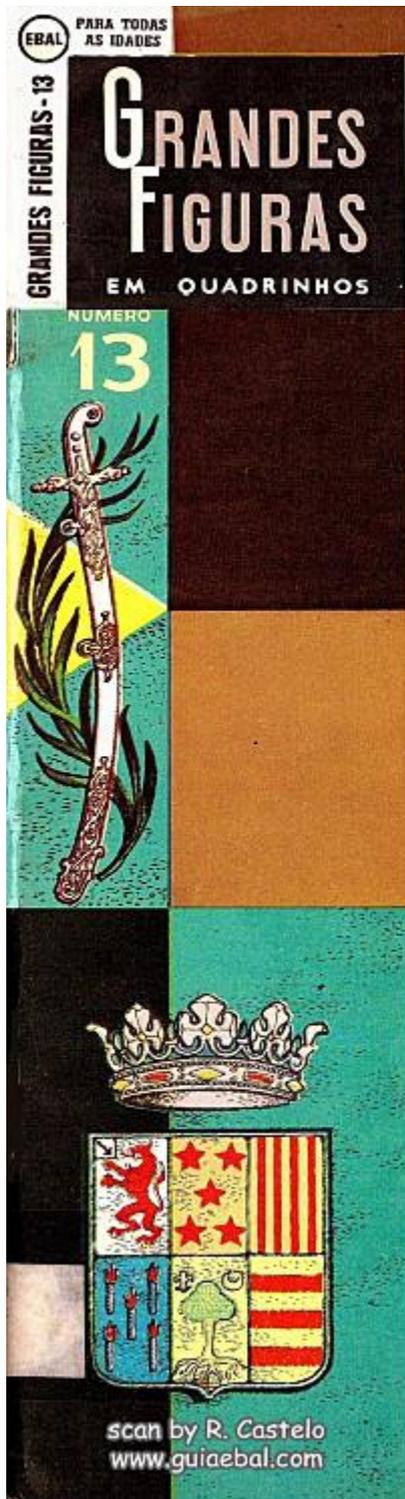
(Anexo A da NEB/T E-313 – Figura 1)



**ANEXO C – Adamascado da lâmina da espada de oficial-general****(Anexo A da NEB/T E-313 – Figura 1)**

Dimensões em mm

ANEXO D – Capa da revista “Grandes Figuras em quadrinhos – Caxias O Pacificador”



**CAXIAS**  
**O PACIFICADOR**